

DEPOIMENTO: AS CONTRADIÇÕES DO ACADÊMICO
DE PSICOLOGIA

Grauben Assis
Deptº de Psicologia
Universidade Federal do Pará

O objetivo deste depoimento é o de refletir e provocar troca de idéias com pessoas envolvidas em trabalho social, a partir da vivência como aluno de PSICOLOGIA em escola particular (UNICAP-Pe) e professor numa instituição pública federal, retratando-se assim o processo educacional verificado no cotidiano sem a preocupação com a rigidez científica.

Como estudante de PSICOLOGIA todos nós aspiramos, inicialmente, a uma profissão de caráter humanitário/idealista, de auxílio ao outro (na clínica, na escola, na fábrica, etc.), de "*salvador dos desviados*". Aspiração esta marcadamente influenciada pela história profissional.

Assim, estimulado por uma estrutura sócio-econômica-cultural discriminatória, passamos a frequentar um curso de nível universitário, favorecido em grande parte por nossa posição social privilegiada frente a maioria da população.

O curso tem a finalidade de não somente garantir a subsistência, já que a grande maioria dos que o procuram é proveniente da classe média, mas também servir de meio a ascensão social, assegurando um "*status*" firmemente perseguido por indivíduos desta origem social.

Visto assim, o estudante de PSICOLOGIA em 1981 é fruto de um processo educacional falido, reproduzidor da ideologia autocrática, onde há todo uma suprema-

macia do individual sobre o social e um reforço a competição.

1 QUAL A POSIÇÃO DA ESCOLA?

Historicamente, nossas escolas de PSICOLOGIA procuraram formar profissionais competentes que souberem manusear técnicas, acalmando conflitos (olha aí a Dinâmica de Grupo), resolvendo "problemas" através das "mil e uma maravilhas de terapias" disponíveis no mercado de consumo, reeducando os "pixotes da vida" sob a aparência da neutralidade científica.

Por outro lado, tem evoluído a literatura da PSICOLOGIA e das Ciências afins, com visão crítica, favorecendo debates e reflexões mais aprofundadas, colaborando na formação do profissional, haja visto seu isolamento hoje em dia com a inexistência quase completa de Associações, Sindicatos, etc. que defendam seus direitos.

Com os questionamentos de alguns profissionais, através de Seminários, Congressos, etc, surge a cada dia uma nova visão do valor profissional e de seus objetivos. Este processo lento e gradual é fruto da consciência crítica desses mesmos profissionais em confronto com uma realidade sócio-econômica injusta e asfixiante.

O enfoque psicológico começa a tomar novos contornos, permitindo uma análise em termos globais, uma percepção correta da realidade, desmistificando a ideologia dominante.

Como diz Sílvia Lane(1): "A consideração de uma dimensão histórica significa assumir que tanto os processos internos como os estímulos do meio têm uma significação "anterior" à existência deste in-

(1) LANE, S.T.M. Uma Redefinição da Psicologia Social. Educação e Sociedade, nº 6, Cortez Editora, São Paulo, 1980, pág. 96.

divíduo, e esta anterioridade decorre da história da sociedade ou do grupo social ou, se quisermos, da cultura no qual o indivíduo nasce. Por mais que enfatizemos a unicidade, a individualidade de cada ser humano, por mais "sui generis" que se possa ser, só poderá ocorrer sobre os conteúdos que a sociedade lhe dá, e sobre as condições de vida social real que ela permite ter".

Entretanto, nossas escolas de PSICOLOGIA ainda continuam privilegiando a exigência de relatórios, documentação, TCCs (?), em detrimento da qualidade da ação desenvolvida pelo aluno/estagiário, ocupando sobretudo o tempo, de forma a dificultar-lhe o real envolvimento com a população.

Dessa forma, as instituições educacionais reproduzem a tecnocracia, tolhendo a criatividade, em contradição às verdadeiras aspirações e ansiedades do próprio aluno.

O comprometimento com a realidade ainda é relativo, em sua prática educativa, os psicólogos ainda permanecem aliados à metodologia tradicional.

2 IMPLICAÇÕES NA AÇÃO PROFISSIONAL

A Psicologia está em crise, uma "nova teoria surge somente após um fracasso caracterizado na atividade de normal de resolução de problemas, o fracasso e a proliferação de teorias que os tornam manifestos ocorrem uma ou duas décadas antes do enunciado da nova teoria. O significado das crises consiste exatamente no fato de que indicam que é chegada a ocasião de renovar os instrumentos"(2). Hoje já não falamos de psicologia, mas psicologias.

À medida que amadurecemos durante o curso, passamos a viver grande conflito e muitas dúvidas, pois, de um lado, está toda nossa formação domesticadora,

(2) KUHN, T.S. A Estrutura das Revoluções Científicas. Editora Perspectiva, São Paulo, 1978, págs. 103

e de outro, descortina-se à nossa frente um panorama cheio de descobertas e de compromissos, que põem em jogo nossa segurança.

O aluno (e o profissional de hoje) sente que não pode mais ser mero espectador da realidade (que crítica com frequência...), que precisa posicionar-se frente a ela. Há necessidade de novas "lentes" para se proceder à leitura da realidade, saindo do isolamento do laboratório e, trazendo para dentro deste, dados relevantes da sociedade que vivemos.

Esse clima de crise e reflexão exige do aluno uma opção, seja ela comprometida com o "status quo", seja com a classe trabalhadora, maioria da população brasileira.

Devido a influência familiar e sócio-cultural, sua posição dentro da classe média, angustia-se diante desta percepção e da necessidade de tomada de decisões profissionais vitais.

O comprometimento com a classe trabalhadora exige uma mudança em nosso modo de viver, na revisão de valores, na ruptura com condicionamentos familiares, religiosos e culturais.

O estudante ou o profissional frente ao posicionamento assumido, sente que o risco a correr é grande e o preço alto, entretanto, a tomada de consciência é um processo irreversível. Ou ele se compromete e luta, ou vive angustiado e dividido, omitindo-se por consequência.

O acadêmico de PSICOLOGIA vê-se diante de uma luta, que sabe terá de enfrentar mais cedo ou mais tarde... levando-nos a elaborar as seguintes indagações:

- A ação da PSICOLOGIA está levando o HOMEM a ser arquiteto de seu próprio destino?

- O que fazer para que as escolas de PSICOLOGIA no Brasil assumam o comprometimento com a realidade de forma coerente?

- O desempenho dos estagiários nas instituições não reproduzem a prática desenvolvida pelos profissionais?

- O psicólogo, além de profissional, deve filiar-se a partido político coerente com sua opção ideológica para garantir sua participação como ser social?

Estes pontos respostas urgentes, pela Ciência e pelo Homem que a produz, cujo papel é chamado a desempenhar, saindo de mero espectador a sujeito de sua própria história.